

# REVISTA MARACANAN

## Artigos

### **A trajetória de formação de um livreiro-impressor no Sul da América: Guilherme Echenique e a Livraria Universal em Pelotas**

*The trajectory of the formation of a bookseller-printer in southern America: Guilherme Echenique and the Livraria Universal in Pelotas*

**Cássia Daiane Macedo da Silveira\***

Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil


**Recebido em:** 24 abr. 2021.

**Aprovado em:** 27 jul. 2021.



---

\* Professora Adjunta da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Departamento de História e Programa de Pós-graduação em História. Doutora em História Social pela Universidade Estadual de Campinas; Mestre e graduada em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. E-mail: [cassia.silveira@ufrgs.br](mailto:cassia.silveira@ufrgs.br)

 <https://orcid.org/0000-0002-3390-6015>

 <http://lattes.cnpq.br/2564762471005836>

## Resumo

Neste artigo procurei compreender a fundação de uma livraria e tipografia em particular como parte de um projeto cultural e comercial mais amplo, que envolvia redes matrimoniais e mercantis entre famílias de várias regiões do Sul da América. Por meio da reconstituição de alguns aspectos da trajetória do livreiro-impressor Guilherme Echenique e de suas redes familiares, analiso o significado da emergência dos negócios do livro em uma linhagem há muito familiarizada com outras transações comerciais e produtivas. Situado no Sul do Rio Grande do Sul, no final do século XIX, o empreendimento investe na mercadoria livro justamente em um contexto de profundas transformações nos modos de vida tradicionais ligados ao campo e de alterações mais gerais na sociedade. O vínculo entre o livreiro-impressor e a elite política local, composta sobretudo por filhos de estancieiros, herdeiros das *charqueadas* decadentes, ocorre pelo compartilhamento de interesses culturais pelas temáticas gauchescas, estabelecendo, assim, uma forma de pensar o modo de vida do sul do estado.

**Palavras-chave:** Tipografia. Redes Familiares. Trajetória. Guilherme Echenique.

## Abstract

In this article, I have sought to understand the foundation of a bookshop and a typography press as part of a broader cultural and commercial project, which involved marital and mercantile networks amongst families from several regions of southern America. By reconstructing some aspects of the trajectory of a bookseller-printer named Guilherme Echenique and of his family networks, I analyze the meaning of the emergence of the book industry to a lineage that has long been familiar with other productive and commercial transactions. Located in the south part of the state of Rio Grande do Sul, in the late 19th century, the enterprise invested in book merchandising precisely in a context of intense changes in traditional lifestyles associated with the countryside and of broader changes in society. The relationship between the bookseller-printer and the local political elite, composed mainly of ranchers' sons, heirs of the decadent *charqueadas*, occurred through the sharing of cultural interests concerning gaucho matters that established a common way of thinking about the lifestyle in the south of the state.

**Keywords:** Typography Press. Family Networks. Trajectory. Guilherme Echenique.

## I.

Na América portuguesa, a impressão de livros foi iniciada, oficialmente, tão logo colocou-se fim na interdição às publicações, no mês de maio de 1808. Além da Impressão Régia, sabe-se que vários outros indivíduos passaram a se dedicar a essa atividade, que envolvia a impressão de livros e periódicos, mas que também podia abranger sua venda e divulgação (BRAGANÇA & ABREU, 2010; HALLEWELL, 1982; GODOI, 2016). Para o Rio Grande do Sul, Elizabeth Rochadel Torresini (2010, p. 236) argumenta que, “nos primeiros decênios do século XIX, [a província] possuía condições limitadas para a circulação de livros e a formação de leitores”, sendo que o comércio desses artigos só foi se desenvolver, de fato, entre os últimos anos do século XIX e as primeiras décadas do século XX. Nesse período, além das tipografias responsáveis pela publicação de jornais, que também podiam imprimir e vender livros, finalmente se desenvolvem, no Rio Grande do Sul, as primeiras livrarias: de acordo com Torresini (*Ibidem*, p. 243), até a década de 1870 não se registra a existência de espaços responsáveis pela venda exclusiva de livros e, mesmo nas primeiras lojas nomeadas livrarias, outros gêneros figuravam entre aqueles destinados à venda. Também nas décadas finais do século XIX diversos livreiros se converteram em impressores de livros no Rio Grande do Sul. Uma parte significativa desses empreendimentos, no entanto, responsáveis pela publicação de uma parcela importante da literatura que se lia no estado, mas também de obras de referência, legislações e publicações técnicas, acabou encerrando suas atividades, no caso gaúcho, antes da segunda metade do século XX.

Assim, tendo em vista essa breve contextualização, o objetivo deste artigo é, por meio da trajetória de fundação de uma livraria em particular, que também passou a imprimir livros ainda no século XIX, compreender os caminhos pelos quais esse mercado se constituía nas periferias das Américas. Tomo, aqui, o caso específico da Livraria Universal, com o intuito de analisar as possibilidades de estabelecimento dessa casa comercial no sul do Rio Grande do Sul, no ano de 1887, por meio da exploração de algumas pistas sobre a inserção da família Echenique, linhagem dos fundadores da livraria, no contexto social, político e cultural oitocentista. Cabe ressaltar que este artigo ainda representa um estágio inicial das investigações sobre o tema e pretende propor hipóteses a serem confirmadas por futuras e mais aprofundadas pesquisas.

A história que nos é recorrentemente contada diz que os irmãos Carlos e Guilherme Echenique fundaram a Livraria Universal na cidade de Pelotas, no ano de 1887 – alguns meses antes da abolição da escravidão e dois anos antes da República, portanto (SPALDING, 1969, p. 246). Eles contavam, então, com 28 e 23 anos, respectivamente. Walter Spalding informa que, naquele ano, Guilherme “possuía um pequeno capital e alguma cultura. Amigo dos livros, graças ao auxílio pecuniário de Pedro Osório, também charqueador [como o padrinho, Francisco Antunes Gomes da

Costa], e de quem fazia a escrita comercial, nesse mesmo ano fundou a Livraria Universal à qual associou seu irmão Carlos” (*Idem*).

Alguns anos depois os irmãos incorporaram uma tipografia ao empreendimento, tornando-se o que Spalding designou livreiros-impressores. Em razão da disponibilidade documental no momento, este artigo irá se concentrar, sobretudo, na figura de Guilherme Echenique, ainda que sem menosprezar seus laços familiares, como se verá.

Nesse sentido, uma das primeiras informações que sobressai da pequena biografia de Guilherme Echenique elaborada por Walter Spalding é a proximidade do futuro negociante do mundo dos livros com os principais grupos charqueadores do sul do estado. Jonas Moreira Vargas (2013) observou a vinculação entre a elite charqueadora de Pelotas – denominada “aristocracia do sebo” – e o mundo das letras. Tal relação era por vezes estreita e envolvia laços familiares: além de trabalhar fazendo a escrita comercial de Pedro Osório e de ser afilhado de Francisco Antunes Gomes da Costa, ambos charqueadores do sul do estado, Vargas recorda que Guilherme foi, ainda, genro de Felisberto Ignacio da Cunha, o Barão de Correntes, também charqueador e membro de uma das mais abastadas linhagens sulistas.

Mas, como se deu essa inserção de Echenique em um meio tão endogâmico como o das elites econômicas provinciais?

## II.

Em primeiro lugar, cabe retomar um pouco da história da família Echenique. É também Walter Spalding (1969, p. 245) quem nos informa que, “ameaçados pela tirania de Don Juan Manoel de Rosas, nos veio, entre outros, José Fidel Echenique, nascido no Departamento de Calamuchita, Córdoba, a 25 de maio de 1811”. José Fidel era o pai de Guilherme, Carlos e outros quatro irmãos, todos nascidos de seu casamento com Isabel Francisca de Carvalho, em 1856. Isabel, por sua vez, era a terceira filha do português Guilherme Rodrigo de Carvalho (em homenagem a quem, provavelmente, Guilherme Echenique recebera seu primeiro nome) e da pelotense Maria Felicíssima de Castro Viana. Guilherme de Carvalho fora vereador suplente na Câmara Municipal de Pelotas, além de ter sido eleito juiz de paz no mesmo município (NUNES, 2013, p. 89). Se tomarmos a informação sobre a chegada do cordobês José Fidel ao Brasil como tendo ocorrido por volta de 1850, conforme sugere Walter Spalding, podemos observar a sua rápida inserção entre as elites políticas provinciais. Alguns autores já têm demonstrado a tendência, na região de Pelotas, a casamentos ocorridos entre mulheres nascidas naquela localidade e forasteiros, homens que, oriundos de outras regiões do país ou de outros países, estabeleceram-se no sul do estado. Dúnia Nunes (2013, p. 85), por exemplo, observou tal prática entre os vereadores e suplentes com exercício entre 1832 e 1836 na Câmara Municipal de Pelotas (junto aos quais encontramos Guilherme Rodrigo de Carvalho) e as famílias de suas esposas, tendo encontrado uma predominância, dentre os estrangeiros, daqueles oriundos de Portugal. É interessante observar que o pai de Dona Maria Felicíssima de

Castro Viana, igualmente, era um português proveniente do norte do país (assim como seu marido, Guilherme), que veio se veio a casar com mulher natural do município de Viamão, tendo o mesmo mecanismo se repetido, pelo menos, em duas gerações.<sup>1</sup>

Sendo assim, José Fidel encontrou, portanto, na Pelotas de 1850, uma sociedade na qual seria possível sua inserção entre as elites, ainda que fosse estrangeiro. Não eram raros os casamentos com composição similar à sua. Ainda assim, a situação de sua família em Córdoba precisava atender também a certas condições que pudessem colocá-lo adequadamente nesse círculo. Nesse sentido, ainda é preciso compreender quem era José Fidel Echenique e de que meios sociais provinha.

Os registros paroquiais de Córdoba daquele período encontram-se digitalizados na base de dados da plataforma Family Search.<sup>2</sup> Assim, pelo registro de batismo de José Fidel Echenique, confirmamos as informações trazidas por Walter Spalding, de que ele nasceu em 25 de maio de 1811, em Río de los Sauces, Calamuchita, Córdoba, Argentina. Filho de Dom José Benito Echenique e de Dona Manuela Sosa, José Fidel foi também listado como comerciante no Censo de 1840, quando contava 28 anos.<sup>3</sup> Porquanto não tenhamos acesso a registros precisos, é provável que o pai de José Fidel tenha nascido no início dos anos 1780, na mesma localidade em que se casou e constituiu família.

Juan Carlos Garavaglia (2015, p. 31-32) caracterizou a Argentina do início do século XIX como “un inmenso y apenas definido territorio, habitado por una dispersa población rural”, havendo, em 1822, cerca de 12.000 habitantes na cidade de Córdoba. Para o autor, até as décadas finais do século XIX, ainda que a população urbana tenha aumentado sensivelmente, devido principalmente ao crescimento de Buenos Aires, de um modo geral o país persistiria sendo predominantemente rural. Naquela jurisdição, que se espalhava em um vasto território entre a planície e a serra, eram desenvolvidas, até o século XVIII, uma série de atividades econômicas ligadas, de forma direta ou indireta, à exploração mineira na região de Potosí, no Alto Peru:

*A esta estructura concentrada en las tierras altas y en las estepas del Interior correspondía una economía también ella orientada no hacia el Atlántico sino hacia el norte, hacia el núcleo del poder español en Sudamérica, hacia el Perú. Buenos Aires, la Colonia, las Misiones, el Interior comenzaron a organizar su economía para satisfacer los requerimientos de Potosí, donde había surgido al margen del cerro de la plata, en un frígido desierto, una de las ciudades mayores del mundo. (HALPERIN DONGHI, 2021, p. 16).*

<sup>1</sup> Ver, em Nunes (2013), as tabelas nas páginas 146 e 148.

<sup>2</sup> Tal base de dados pertence à Sociedade Genealógica de Utah, mantida pela Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, e tem amplitude mundial. Os missionários da Igreja microfilmam e digitalizam a documentação do registro civil, mantendo a documentação microfilmada em uma sede, em Salt Lake City, nos Estados Unidos. Os documentos digitalizados, disponibilizados no site ([www.familysearch.org](http://www.familysearch.org)) são, assim, provenientes de convênios firmados com instituições de guarda de registros civis, que têm como contrapartida o fornecimento de cópia em formato analógico ou digital dos registros microfilmados. Cf.: Oliveira (2018). Recentemente, Patricia Palma (2021) incluiu o acervo entre as alternativas de pesquisa em arquivos digitais para historiadores, em tempos de pandemia.

<sup>3</sup> FAMILY SEARCH. Argentina, Córdoba, Miscelaneous Records, 1574-1925. Documentos históricos, *Censo de Campaña, 1840*, imagem 758 de 1672. Archivo Histórico Provincial [Province Historical Archives], Córdoba.

Segundo María Victoria Márquez (2008, p. 2), naquele contexto, as produções agropecuárias e manufatureiras constituíram “sectores secundarios altamente dependientes de los ciclos de producción de la plata potosina”, que conformavam redes comerciais em torno de certos produtos, considerados estratégicos para a economia da região, tais como o gado muar. De fato, consta que a família Echenique, originária da Espanha, teria chegado a Córdoba justamente pelo espaço peruano, vinculando-se por meio de matrimônios com algumas das mais prestigiosas casas ali estabelecidas:

O prestígio desta família reconhece-se através das distintas alianças matrimoniais celebradas entre eles e outros grupos de poder, tanto de nível intrarregional como interregional. No primeiro caso, os Echenique e Cabrera vincularam-se com os Molina Navarrete, os Arias de Cabrera, os Garay, os Acosta. No segundo caso, os casamentos que se mantiveram com membros da elite cordobesa como a família Isabi, Noble Canelas, a elite catamarqueña como os Villafañe e a elite santiagueña como os Uturbey. Neste caso, pode-se colocar com certa precisão, que se está frente a uma família de elite colonial. (CARBONARI, 2001, p. 176).

Carbonari (*Ibidem*, p. 203) também inclui em seu trabalho a árvore genealógica da família Echenique ao longo do século XVIII, elaborada pela própria autora, em cuja quarta geração constam os avós de José Fidel, Dom José Urbano de Echenique y de las Casas e Dona María del Rosario Arias de Cabrera, figurando entre os muitos entrelaçamentos matrimoniais levados a cabo pelas elites daquela localidade.<sup>4</sup> A autora traz ainda a informação de que coube a Dom José Urbano, por herança, a Estância de San Bartolomé, na região de Río Cuarto, onde a família se dedicou à “produção e o comércio muar na zona serrana”. Tendo tido acesso ao inventário de Dom José Urbano, Carbonari afirma que:

Para 1778 foram localizados formando uma pequena unidade doméstica: José Gabriel de Echenique e Molina junto a seu filho José Urbano de Echenique e de Las Casas. Urbano de Echenique casado com María del Rosario Arias ficou proprietário da Estância de San Bartolomé. Em 1800 contava com um escravo, uma casa na cidade de Córdoba, dinheiro efetivo, cabeças de gado bovino e ovino e também gado menor. No recenseamento de 1813 localiza-se unicamente a viúva de Urbano Echenique como fazendeira com seus 2 filhos sendo um lavrador e o outro comerciante, uma filha, seguido de três escravos e nove dependentes em San Bartolomé. (*Ibidem*, p. 177).

No início do século XVIII, a Estância de San Bartolomé tinha “largura de 4 léguas, com 4.000 metros de norte a sul” (*Ibidem*, p. 85), mas, sabe-se que sua existência data de, pelo menos, o ano de 1617, quando pertencia a Jerónimo Luis de Cabrera II, neto do fundador de Córdoba. Em certo momento, chegou a contabilizar “1.000 éguas para a cria de mulas e 50.000 vacas na campanha e na serra” (*Ibidem*, p. 93). Dentre os casos dos prestigiosos núcleos familiares de herdeiros dos Cabrera, ou seja, dos primeiros conquistadores, que lograram manter seu prestígio e o renome familiar, Carbonari inclui Dona María Rosa de

---

<sup>4</sup> No registro de casamento de Dom José Benito Echenique com a Dona Manuela Sosa encontra-se a referência de sua filiação: “hijo de Don Urbano Echenique y de Doña María del Rosario Arias”. FAMILY SEARCH. Argentina, Córdoba, registros parroquiales, 1557-1974. Database with images, Urbano Echenique in entry for Josef Benito Echenique and Manuela Sosa, 3 Oct. 1808; citing Marriage, San Agustín, Calamuchita, Córdoba, Argentina, Paroquias Católicas [Catholic Church Parishes] (Córdoba).

Cabrera e Velazco, herdeira de muitas estâncias na região, inclusive a Estância de San Bartolomé, e que se casou em 1689 com Dom Juan de Echenique e Echenique, comerciante basco. De acordo com Carbonari, o comerciante instalara-se em Córdoba na metade do século XVII e, a partir daí, havia desempenhado atividades econômicas como a de fretador de mulas, além de ter assumido cargos políticos. O matrimônio com a herdeira da família Cabrera teria permitido:

aos Echenique consolidar seu prestígio social ao ingressar ao círculo mais tradicional de Córdoba. Ao se dedicar à atividade agropecuária, seus herdeiros transformam-se em importantes fazendeiros da região. Aqui observa-se, como em outros casos de América, [que] a riqueza – geralmente de origem mercantil – permitia o acesso ao prestígio e sua perpetuação dado que esta definia a posição. (*Ibidem*, p. 166).

Do mesmo modo, Marquez (2008) menciona a família Echenique entre aquelas que tiveram meios de manter certo prestígio. De acordo com a autora, a partir de 1740 inicia-se na região um novo ciclo de crescimento econômico, após longo período marcado pela escassez, entre o fim do século XVII e o alvorecer do século XVIII. A tendência de expansão mercantil, sobretudo entre 1750 e 1810, reanimou o comércio marítimo, e registrou algumas mudanças significativas na composição das elites. É nesse contexto que ocorre o fenômeno da “ruralização da elite”, quando as principais famílias perderam “*presencia directa en las redes comerciales interregionales*” (p. 7). Marquez salienta que, diante deste fenômeno, algumas figuras-chave acabaram ficando responsáveis pela administração citadina e distinguiram-se como comerciantes ou intermediários, estabelecendo laços comerciais com outras cidades: foi o caso da família Echenique (p. 8).

No Censo de 1840, se José Fidel aparece como comerciante, fazendo jus à longa inserção mercantil de seu sobrenome, seu pai, José Benito, é assinalado como lavrador. Para o Rio Grande do Sul do final do século XVIII, Helen Osório (1995, p. 40) afirmou que “a designação ‘lavrador’ aparece no censo em alternância à expressão ‘vive de suas lavouras’ e refere-se aos produtores que detêm as menores parcelas de terra”. Em diálogo com Garavaglia, que estudou o caso argentino, a autora considerou oportuno, ainda para o final do século XVIII, concluir que esse grupo poderia ser bem denominado “‘camponeses pastores e agricultores’, pois a força de trabalho fundamental é a do grupo familiar e exercem os dois tipos de atividades” (*Idem*). Mais recentemente, Osório (2014, p. 94) afirmou que “grande parte dos denominados ‘lavradores’ eram, também, pastores, criadores de pequenos rebanhos de gado” e que:

Os territórios sob domínio (e disputa) espanhol e português compartilhavam uma estrutura produtiva similar, compondo uma mesma paisagem agrária, que se estendeu em um ‘continuum’ desde Buenos Aires e seu “*hinterland*” à Banda Oriental do rio Uruguai (atual Uruguai) até o Rio Grande do Sul. O fato destes territórios pertencerem a diferentes impérios coloniais, com instituições e ordenamentos jurídicos próprios, não impediu, no entanto, que a organização espacial da produção tivesse características comuns bem como a lógica econômica dos produtores e trabalhadores, e que se reiteraram no tempo. (*Idem*).

Se considerarmos a configuração familiar dos Echenique no ano de 1778, encontrada por Carbonari (2001), talvez possamos concluir que houve transformações na importância econômica das terras da família já no século XIX. Marcela Tamagnini (2017, p. 415) assinala que o sul de Córdoba havia sido fortemente afetado em seu desempenho econômico, ao menos até 1840, pelo grave despovoamento. Além disso, a instabilidade política provocada pelas ações de guerra, levadas a cabo por Juan Manuel Rosas, deixam-nos entrever um período conturbado, violento e incerto. Não sabemos com certeza como a família Echenique foi afetada pelas oscilações da primeira metade do século XIX. Mas, o fato é que, em 29 de setembro de 1849, Dom José Benito Echenique faleceu em Córdoba, com a idade de 68 anos.<sup>5</sup> É possível, contudo, que seus filhos já se fizessem presentes bem antes disso pelas redes comerciais da fronteira brasileira. Em novembro de 1849, José Fidel Echenique possuía três casas de negócio no Rio Grande do Sul: duas na vila do Alegrete, presididas por seu irmão, Francisco Borja Echenique, e outra no município fronteiriço de Jaguarão. O trânsito de mercadorias entre as cidades e entre as suas casas comerciais parecia ser parte dos arranjos cotidianos da família, incluindo o transporte realizado pelo carreteiro Manoel Borja, que quem sabe guardasse parentesco com Francisco.<sup>6</sup> É possível, até, que a mudança nas rotas comerciais do espaço peruano para o Atlântico, a partir do século XVIII, tenha interferido no deslocamento das redes mercantis constituídas tão duradouramente, tendo Córdoba como lugar privilegiado de passagem de produtos e pessoas. São bastante consolidadas as pesquisas que demonstram o trânsito de mercadorias entre diferentes espaços coloniais, passando pelo Continente de São Pedro, e envolvendo em especial o comércio marítimo. A circulação desse tipo de mercadoria pelo sul do Brasil até o Prata também já foi suficientemente demonstrada (Cf.: HAMEISTER, 2002; OSÓRIO, 2007; BERUTE, 2011; BORGES, 2016). É possível que a instabilidade política relacionada ao regime de Rosas pudesse ter relação com a vinda de José Fidel e seus irmãos para o Brasil, como defendeu Walter Spalding (1969), mas é bem provável que eles tenham se aproveitado de rotas comerciais pré-existentes no estabelecimento de novos negócios. A morte do pai no final da década de 1840, além disso, deve ter legado algum pecúlio aos descendentes. José Fidel e cinco irmãos chegaram ao Brasil em data indeterminada, mas é certo que deixaram a mãe na Argentina, provavelmente na companhia de uma tia e um irmão mais jovem, onde ela faleceu em agosto de 1864, aos 75 anos.<sup>7</sup>

Assim, quando se estabeleceu em Pelotas, na década de 1850, José Fidel Echenique provavelmente era um dos herdeiros de uma das famílias mais proeminentes da região de Córdoba e bastante conhecedor das atividades desenvolvidas tanto nas estâncias quanto no

---

<sup>5</sup> FAMILY SEARCH. Argentina, Córdoba, registros parroquiales, 1557-1974. Database with images, José Benito Echenique, 30 Sep 1849; citing Death, Nuestra Señora de la Asunción, Córdoba, Capital, Córdoba, Argentina, Paroquias Católicas [Catholic Church parishes] (Córdoba).

<sup>6</sup> APERS, Processo de Justificação, Justificante: José Fidel Echenique, Comarca de Alegrete, 1850, proc. 1429.

<sup>7</sup> É Walter Spalding (1969, p. 246) quem aponta o número de 5 irmãos. A data de falecimento da mãe está em: FAMILY SEARCH. Argentina, Córdoba, registros parroquiales, 1557-1974. Database with images, Manuela Sosa, 3 Aug. 1864; citing Death, San Agustín, Calamuchita, Córdoba, Argentina, Paroquias Católicas [Catholic Church Parishes] (Córdoba).



comércio. É bem possível que ele mantivesse seus contatos mercantis em diferentes localidades, tanto na fronteira entre Brasil e Uruguai, quanto nas redes comerciais cordobesas, devido à posição ocupada pela sua família. Muito embora não tenha registrado a ocupação exercida por Guilherme Rodrigo de Carvalho, sogro de José Fidel, Dúnia Nunes (2013, p. 84) argumenta que, entre vereadores e suplentes de Pelotas, sobressaem como atividades econômicas as de charqueadores e comerciantes. Assim, José Fidel Echenique, ao estabelecer-se no sul do Rio Grande do Sul, inseriu-se em um contexto que guardava certas semelhanças com aquele em que sua família havia prosperado: uma região ligada à fronteira e às atividades do comércio e da criação de animais. Seu matrimônio com Isabel Francisca de Carvalho, em 1856, posicionou-o favoravelmente junto à elite política local e, quem sabe, o tenha introduzido em novas redes de comerciantes na fronteira brasileira. Quando faleceu, em novembro de 1870, José Fidel Echenique deixava para a viúva e seus seis filhos um montemor avaliado em 8:853\$000.

### III.

Se José Fidel foi negociante, oriundo de uma família ligada ao comércio, não consta em nenhum registro que tenha chegado a comercializar impressos. O mobiliário arrolado em seu inventário também não chega a insinuar a presença de livros em sua residência.<sup>8</sup> Guilherme Echenique, por sua vez, foi descrito por Walter Spalding (1969, p. 246) como tendo, em 1887, já “alguma cultura”. Por certo, uma vez que, já em 1884, com 20 anos de idade, havia fundado, com Luiz Carlos Massot e José Calero, o jornal *A Pena*, que circulou por seis meses, e teve como objetivo a emancipação antecipada dos cativos (CUNHA, 2009, p. 208).<sup>9</sup>

A Livraria Universal foi fundada no ano de 1887, pelos irmãos Carlos e Guilherme Echenique, e oito anos depois Guilherme se casava com Dona Silvana Belchior da Cunha, filha do Barão de Correntes (SPALDING, 1969, p. 246). Seu filho, Sylvio da Cunha Echenique, foi um observador dos círculos intelectuais formados em torno da livraria e que envolviam também o parentesco entre Dona Silvana e a família do Visconde da Graça, de quem descendia João Simões Lopes Neto, o escritor regionalista postumamente ilustre. Sylvio recorda as relações familiares com a presença de Simões Lopes:

Desde os cueiros conheci-o no convívio das nossas famílias. E segui-o nos tempos em que eu comprava puxa-puxa de rapadura, duas por vintém, sempre havendo uma de inhapa, feitas pela sua cunhada Dona Cazuza. E, mais tarde, já taludo e bisbilhoteiro, meio de lado, pescava chistes que brotavam da tertúlia diariamente formada na livraria Universal, fundada por meu pai, Guilherme Echenique, a qual João Simões frequentava assiduamente. [...] É que meu pai gostava de escrever e era grande apreciador da literatura gauchesca, muito embora fosse cidadão de nascimento e de costumes, ainda que estancieiro. E era amigo do Joca [apelido de João Simões Lopes Neto], que a ele confiava

<sup>8</sup> APERS, Pelotas, 1.º Cartório, ano 1870. Inventário de José Fidel Echenique. Pelotas, 1870.

<sup>9</sup> De acordo com Jaqueline Rosa da Cunha (2009, p. 50), o jornal teria sido órgão do Clube Apolinário Porto Alegre, sediado em Pelotas.

manuscritos originais, desordenados de lhe arrepiar os cabelos de homem escravo da ordem e do método. (ECHENIQUE, s/d., p. 9).

Muito embora as lembranças de Sylvio digam respeito provavelmente ao início do século XX, elas demonstram a existência de uma relação de amizade fundada no compartilhamento de interesses em comum. Acredito que, ao longo das décadas de 1870 e 1880, quando o republicanismo e o abolicionismo fervilhavam entre as ideias que circulavam no país, o grupo de indivíduos ligado à cultura e às letras, no sul do estado, se acercaram nas poucas instituições e espaços de sociabilidade disponíveis. O irmão mais velho de Dona Silvana, Alberto Coelho da Cunha, fora colaborador da revista literária *A Arcádia*, de Rio Grande, e entre 1874 e 1875 publicava contos na *Revista do Partenon Literário*, ligada à mais importante associação cultural do Rio Grande do Sul naqueles tempos, da qual fora fundador o escritor, republicano e defensor da emancipação dos cativos, Apolinário Porto Alegre. Alguns dos contos de Cunha, publicados sob o pseudônimo de Vítor Valpírio, buscavam representar o ambiente das charqueadas.

Tanto Alberto Coelho da Cunha, quanto João Simões Lopes Neto foram educados no Rio de Janeiro, desde a idade de 13 anos. Tiveram acesso à cultura de elite e compartilhavam signos que remetiam a essa cultura, tanto no que liam, como nos modos de vestir e de se comportar. Sylvio Echenique (*Idem*) comenta, por exemplo, que Lopes Neto costumava ser alvo de brincadeiras, por parte dos companheiros, em função do seu “cigarro palheiro, que retovava com papel Duc, francês, para que não lhe irritasse os lábios o contato da palha”, ao que gesticulava, “com a sua mão encardida pelo fumo, tal como o seu bigode, em contraste com a sua gravata de piqué branco, imaculada”.

Mário Osório Magalhães (1993) demonstrou o crescimento da vida cultural na cidade de Pelotas a partir da segunda metade do século XIX e Jonas Moreira Vargas, (2013) por sua vez, argumentou que as famílias dos charqueadores compartilhavam um estilo de vida que acompanhava essas transformações sociais em desenvolvimento, incluindo a incorporação cada vez maior de hábitos pretensamente europeizados, incluindo mobiliário e vestuário sofisticados e a manutenção de uma sociabilidade em saraus e teatros. O autor argumenta, ainda, que, no mesmo contexto, se os charqueadores não podiam ser propriamente descritos como afeitos aos livros, seus genros e filhos, muitas vezes formados nas academias do Império, deviam ser assíduos frequentadores dos círculos letrados e culturais. (*Ibidem*, p. 420-ss.) Esse era o caso, por certo, de João Simões Lopes Neto e de Alberto Coelho da Cunha.

Essa elite cultural mantinha, assim, uma série de relações com a vida na estância, constituindo vivências nem sempre diretas com a vida campeira, mas que procuravam incorporar em sua produção letrada, indicando, pelo modo sistemático com que foi sendo implementado, uma espécie de projeto cultural gauchesco. Em artigo recente, Jocelito Zalla (2020, p. 173) defendeu que João Simões Lopes Neto fez a escolha deliberada por dialogar, em seus próprios escritos, com outros autores que

assumiram a palavra “gaúcho”, em suas versões do regionalismo literário, e a figuração da tradição letrada fronteiriça, como Damasceno Vieira, Bernardo Taveira Júnior, Lobo da Costa e seu antecessor direto nativista Luís Araújo Filho, cujo livro *Recordações gaúchas* (1898) é recorrentemente usado como intertexto.

É interessante observar, a partir do momento em que a Livraria Universal incorpora uma tipografia e passa a publicar impressos diversos, qual a natureza dos artigos publicados. Dentre os anos de 1887 e 1899, localizei a impressão de 12 títulos em uma busca inicial realizada em bibliotecas que comportam primeiras edições de obras de ficção no Rio Grande do Sul. Além desses, cruzei os dados com a tabela disponibilizada por Gigliane Segóvia (2014, p. 55-56), a partir de listagem produzida por Eduardo Arriada e Elomar Tambara, que inclui 12 obras até 1899, as quais às vezes se sobrepõem às localizadas na primeira busca que empreendi. Se uma parte significativa das publicações localizadas dentro do período estabelecido é constituída por leis e decretos, incluindo as Constituições do Rio Grande do Sul e dos demais estados, e a própria Constituição Federal, vários dos demais títulos são compostos por obras históricas ou de ficção de autoria de letrados da região sul do Rio Grande do Sul: Julieta de Melo Monteiro, João Simões Lopes Neto, Alfredo Varela, Romaguera Correia e Francisco Lobo da Costa.<sup>10</sup>

De fato, se Zalla (2020, p. 173) argumentou que Lopes Neto recorreu deliberadamente aos escritores que “assumiram a palavra ‘gaúcho’, em suas versões do regionalismo literário, e a figuração da tradição letrada fronteiriça”, parece-me que, do mesmo modo, Guilherme Echenique buscou orientar suas publicações, ao menos nesses primeiros anos de funcionamento da tipografia, para autores com perfil similar, ou que, de algum modo, pertencessem a essa mesma “geração” fronteiriça. Para além de um uso “mecânico” da ideia de geração, ou meramente associado aos anos de nascimento, busco aqui um princípio organizador de uma sociabilidade que, embora passe pela idade, considera também o compartilhamento de hábitos, posturas, reflexões e experiências. Zalla salienta que, na obra publicada de João Simões Lopes Neto, há inúmeras menções aos livros de Lobo da Costa e de Romaguera Correa, indicando, mais uma vez, a existência desse círculo intelectual, em que a comunicação, se não se dava de modo direto, ocorria por intermédio dos textos, que configuravam um modo próprio de pensar a sociedade gaúcha.

Assim, entre as elites charqueadoras do sul do Brasil, que ostentavam títulos nobiliárquicos diversos, minha hipótese é a de que, para além da prévia inserção de José Fidel

---

<sup>10</sup> Julieta de Melo Monteiro – cujo título localizado foi *Oscilantes: sonetos: 1881-1888*, publicado em 1891 – foi professora e escritora, nascida em Porto Alegre, no ano de 1863, mas com carreira estabelecida na cidade de Rio Grande, onde fundou as revistas *Violeta* e *Corimbo* (MARTINS, 1978, p. 375); João Simões Lopes Neto – título *O Boato*, publicado em 1894 –, nascido em Pelotas, no ano de 1865. (*Ibidem*, p. 552); Alfredo Varela – título *Riograndense do Sul: descrição física, histórica e conômica*, publicado em 1897 –, nascido no município de Jaguarão, na fronteira com o Uruguai, no ano de 1964, foi advogado, membro do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul (*Ibidem*, p. 616-617); Romaguera Correia - título *Vocabulário sul-rio-grandense*, publicado em 1898 - nascido na cidade de Livramento, na fronteira com o Uruguai, no ano de 1863, foi médico e político (*Ibidem*, p. 157-158); e, Francisco Lobo da Costa - título *Auras do Sul: com novas poesias eneditas*, publicado em 1898 – nascido na cidade de Pelotas, no ano de 1853, vivendo certo tempo em outros municípios fronteiriços, foi escritor. (*Ibidem*, p. 162-163).

nas elites políticas locais, Guilherme Echenique foi capaz de desenvolver interesses culturais compartilhados com alguns dos filhos dos poderosos estancieiros da região. Guilherme Echenique se inseriu, pela via da cultura, em redes intelectuais partilhadas por outros letrados, republicanos e abolicionistas, com forte interesse pelas temáticas gauchescas, e vinculados por laços familiares à vida das estâncias. Esses intelectuais exaltavam a figura do gaúcho, constituindo uma forma de pensar o modo de vida do sul do estado, sem as conotações pejorativas presentes nos escritos de importantes escritores oriundos de outras partes do país, como José de Alencar, e sem fugir ao designativo "gaúcho".

Jonas Vargas (2013) enfatiza que a crise do modelo econômico centrado nas charqueadas se aprofundou entre os anos de 1860 e 1870, período em que Guilherme Echenique e muitos dos autores da região publicados por ele até o final do século XIX nasceram e viveram seus primeiros anos. Ainda segundo Vargas, a decadência das charqueadas, nos anos 1880, que afetou extensamente a sociedade pelotense, provocando o empobrecimento de muitos setores da população, teve por consequência o abandono desse tipo de negócio, por parte das principais famílias charqueadoras. Paradoxalmente, assim, a ascensão da tipografia e da rede intelectual formada em torno de um círculo fronteiriço emergiu em um momento de crise do modo de vida da estância e da sua opulência.

Jean-Yves Mollier (2010) estudou, para o caso francês, a impressão e o comércio livreiro como parte do desenvolvimento capitalista naquele país, reconstituindo as dinâmicas familiares em torno dos vendedores de livros e propondo o surgimento, nas décadas finais do século XVIII, de um novo agente: o moderno editor. Acredito que ainda resta buscar, em diferentes regiões brasileiras, essa intersecção entre impressão e comércio de livros e o desenvolvimento de outras redes comerciais mais amplas, ou seja, pensando o livro, também, como uma mercadoria que encontra seu lugar em contextos e circunstâncias culturais e econômicas muito particulares. Assim, embora ainda com hipóteses e conclusões parciais, que indicam caminhos que precisam ser mais bem desenvolvidos, espero ter contribuído para propor algumas reflexões acerca dessas vastas conexões que o universo do livro impresso nos traz.

## Referências

### Fontes

ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL (PORTO ALEGRE)

APERS, Pelotas, 1º Cartório, ano 1870. Inventário de José Fidel Echenique. Pelotas, 1870.

APERS, Processo de Justificação, Justificante: José Fidel Echenique, Comarca de Alegrete, 1850, proc. 1429.

## Plataformas Eletrônicas

### FAMILY SEARCH [ONLINE]

FAMILY SEARCH. Argentina, Córdoba, Miscelaneous Records, 1574-1925. Documentos históricos, Censo de Campaña, 1840, imagem 758 de 1672. Archivo Histórico Provincial [Province Historical Archives] (Córdoba). Disponível em: <https://www.familysearch.org/ark:/61903/3:1:3QS7-99CC-GHFN?i=757&wc=M74C-FWG%3A361295301%2C361320001+%3A+22+May+2014&cc=2094247>. Acesso em: abr. 2021.

FAMILY SEARCH. Argentina, Córdoba, registros parroquiales, 1557-1974. Database with images, Urbano Echenique in entry for Josef Benito Echenique and Manuela Sosa, 3 Oct. 1808; citing Marriage, San Agustín, Calamuchita, Córdoba, Argentina, Paroquias Católicas [Catholic Church Parishes] (Córdoba). Disponível em: <https://www.familysearch.org/ark:/61903/1:1:Q2WL-1RS8>. Acesso em: abr. 2021.

FAMILY SEARCH. Argentina, Córdoba, registros parroquiales, 1557-1974. Database with images, José Benito Echenique, 30 Sep. 1849; citing Death, Nuestra Señora de la Asunción, Córdoba, Capital, Córdoba, Argentina, Paroquias Católicas, [Catholic Church Parishes] (Córdoba). Disponível em: <https://www.familysearch.org/ark:/61903/1:1:XFTD-VJR>. Acesso em: 27 abr. 2021.

FAMILY SEARCH. Argentina, Córdoba, registros parroquiales, 1557-1974. Database with images, Manuela Sosa, 3 Aug. 1864; citing Death, San Agustín, Calamuchita, Córdoba, Argentina, Paroquias Católicas [Catholic Church Parishes] (Córdoba). Disponível em: <https://www.familysearch.org/ark:/61903/1:1:Q2WG-PFYP>. Acesso em: abr. 2021.

## Bibliografia

BERUTE, Gabriel Santos. *Atividades mercantis do Rio Grande de São Pedro: negócios, mercadorias e agentes mercantis (1808-1850)*. 2011. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

BORGES, Luiz Adriano. Mulas em movimento: o mercado interno brasileiro e o negócio de tropas, primeira metade do século XIX. *Anos 90*, Porto Alegre, v. 23, n. 44, p. 207-230, dez. 2016.

BRAGANÇA, Aníbal; ABREU, Márcia (Orgs.). *Impresso no Brasil: dois séculos de livros brasileiros*. São Paulo: Ed. Unesp, 2010.

CARBONARI, Maria Rosa. *População, fronteira e família: a região de Río Cuarto no período colonial tardio*. 2001. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal Fluminense, Niterói (RJ), 2001.

CUNHA, Jaqueline Rosa da. *A formação do sistema literário de Pelotas: uma contribuição para a literatura do Rio Grande do Sul*. 2009. Tese (Doutorado em Letras) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

ECHENIQUE, Sylvio da Cunha. *Fagulhas do meu isqueiro: 50 contos gauchescos*. Pelotas, RS: Hugo, [s. d.].

GARAVAGLIA, Juan Carlos. *Población y sociedad: Argentina (1830/1880)*. Madrid: Taurus, 2015. E-book.

GODOI, Rodrigo Carmargo de. *Um editor no Império: Francisco de Paula Brito (1809-1861)*. São Paulo: Edusp; Fapesp, 2016.

- HALLEWELL, Laurence. *O livro no Brasil: sua história*. São Paulo: Edusp, 1982.
- HALPERIN DONGHI, Tulio. *Revolución y guerra: formación de una elite dirigente en la Argentina criolla*. Buenos Aires: Siglo Veintiuno, 2021. E-book.
- HAMEISTER, Martha Daisson. *O Continente do Rio Grande de São Pedro: os homens, suas redes de relações e suas mercadorias semoventes (c. 1727-c.1763)*. 2002. Dissertação (Mestrado em História Social) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2002.
- MAGALHÃES, Mario Osório. *Opulência e cultura na Província de São Pedro do Rio Grande do Sul: um estudo sobre a história de Pelotas (1860-1890)*. 1993. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1993.
- MÁRQUEZ, María Victoria. Grupos de mercaderes cordobeses en el espacio peruano: la incidencia de las reformas borbónicas y las sublevaciones indígenas. *Anais das [...] Jornadas de Historia Económica*. Caseros, 2008.
- MOLLIER, Jean-Yves. *O dinheiro e as letras: história do capitalismo editorial*. São Paulo: Edusp, 2010.
- NUNES, Dúnia dos Santos. *A Câmara Municipal de Pelotas e seus vereadores: exercício do poder local e estratégias sociais (1832-1836)*. 2013. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013.
- OLIVEIRA, Ronaldo Milanez de. *Fronteiras da informação: o caso Family Search e a coleta dos registros civis nos arquivos brasileiros pela Sociedade Genealógica de Utah*. 2018. Monografia (Graduação em em Arquivologia) - Faculdade de Biblioteconomia e Informação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2018.
- OSÓRIO, Helen. "Estancieiros" e "lavradores": Rio Grande do Sul, século XVIII. *Anos 90*, Porto Alegre, n. 4, dez. 1995.
- OSÓRIO, Helen. Continuidades: estruturas agrárias e o trânsito na fronteira luso-espanhola na América meridional. *Revista Complutense de História de América*, v. 40, p. 93-112, 2014.
- OSÓRIO, Helen. *O império português no Sul da América: estancieiros, lavradores e comerciantes*. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2007.
- PALMA, Patricia. Archivos digitales para historiadores: investigar en tiempos de pandemia. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 28, n. 1, p. 293-300, jan.-mar. 2021.
- SEGOVIA, Gigliane Ferreira. *O papel desempenhado pela Livraria Universal na cidade de Pelotas no período de 1887 a 1934*. 2014. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Pelotas, Pelotas (RS), 2014.
- SPALDING, Walter. Guilherme Echenique. In: *Construtores do Rio Grande*. Porto Alegre: Livraria Sulina Ed., 1969.
- TAMAGNINI, Marcela. Tensiones, vínculos y rupturas. Ranqueles y refugiados unitarios en la Frontera Sur de Córdoba (1836-1851). *História Unisinos*, v. 21, n. 3, set.-dez. 2017.
- TORRESINI, Elizabeth Rochadel. Breve história da circulação de livros, das livrarias e editoras no Rio Grande do Sul (séculos XIX e XX). In: BRAGANÇA, Aníbal; ABREU, Márcia (Orgs.). *Impresso no Brasil: dois séculos de livros brasileiros*. São Paulo: Ed. Unesp, 2010.
- VARGAS, Jonas Moreira. *Pelas margens do Atlântico: um estudo sobre elites locais e regionais no Brasil a partir das famílias proprietárias de charqueadas em Pelotas, Rio Grande do Sul (século XIX)*. 2013. Tese (Doutorado em História Social) – Instituto de História, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.

ZALLA, Jocelito. Um leitor no sul do mundo: a biblioteca imaginária de Simões Lopes Neto (1888-1916). *ArtCultura*, Uberlândia, v. 22, n. 41, p. 164-185, jul.-dez. 2020.